

AUTOLESÃO EM MULHERES NO ESTADO DE SÃO PAULO

 <https://doi.org/10.56238/arev6n1-023>

Data de submissão: 27/08/2024

Data de Publicação: 27/09/2024

Luiz Eduardo Matoso Freire

Universidade Potiguar - UNP

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-2119-9520>

E-mail: luizeduardomatosofreire@outlook.com

Thayná Amorim Melo

Universidade Potiguar - UNP

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-7371-2111>

E-mail: Amorimmthayna@gmail.com

Maria Júlia Ribeiro Campos

Faculdade ciências médicas de Minas Gerais

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-0272-6321>

E-mail: Mahjulia_741@outlook.com

Nathalia Martins Carneiro

Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-1630-1721>

E-mail: nathi_mc@hotmail.com

Lara Pacheco Barretto Maia

Universidade Potiguar - UNP

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-2531-6964>

E-mail: laramaiamed@gmail.com

Ana Beathriz Barros de Azevedo Araújo

Universidade Potiguar - UNP

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-7704-8920>

E-mail: Anabeathrizazevedo@gmail.com

Artur Freire Brito

Universidade Potiguar - UNP

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-7423-7704>

E-mail: artur-brito2011@hotmail.com

Larissa Maia Chacon

Universidade Potiguar - UNP

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-4956-0846>

E-mail: chaconlarissa12@gmail.com

RESUMO

Introdução: A autolesão é uma ação contra o próprio corpo, que tem uma possível associação com a saúde mental. Esse panorama é de suma importância a ser analisado, para se entender a etiologia de forma mais específica, e então, combater efetivamente as autolesões e seus malefícios. **Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico de lesões autoprovocadas por mulheres no estado de São Paulo. **Método:** Estudo epidemiológico, transversal, baseado na análise de dados da plataforma DATASUS. Analisou-se casos de 2018 a 2022 referentes à autolesão em mulheres, no estado de São Paulo. **Resultados:** Observou-se um total de 61.568 casos de autolesão em mulheres, na faixa etária de 20 a 59 anos, sendo dentre eles o maior índice de autolesão no ano de 2022 com 27% e entre a faixa etária de 20 a 29 anos, correspondendo a 44% do total. Além disso, se avaliou também os indicadores sociais relacionados à autolesão e se observou discrepâncias, quanto à raça e quanto à escolaridade. **Discussão:** Os resultados analisados demonstraram uma variação significativa entre os indicadores sociais, principalmente em relação a idade e cor. Ainda não foi possível constatar a relação direta com a pandemia do COVID-19, mas isso se deve em parte ao impacto ocasionado pela subnotificação dos dados e do tipo de estudo.

Palavras-chave: Comportamento Autodestrutivo, Mulheres, Psiquiatria Preventiva.

1 INTRODUÇÃO

A autolesão é definida como uma ação contra o próprio corpo sem o intuito inicial, de provocar a morte (LUCENA; HOLANDA; BELMINO, 2020)¹. Existem tipos de comportamento auto lesivos, havendo aqueles que são potenciais suicidas, ou seja, praticam a lesão com a intenção do autoextermínio e aqueles não suicidas, o qual tem atitudes de destruição dos tecidos corporais, mas sem a intenção de morte. A etiologia é diversa e inespecífica, mas frequentemente é relacionada a doenças psiquiátricas e histórico de traumas (MANUAL COMPORTAMENTO AUTOLESIVO, 2019)².

As causas da autolesão não são muito bem compreendidas, esse comportamento foi adicionado no manual de diagnóstico em saúde mental (DSM-5), em 2013, o qual auxilia no diagnóstico e na necessidade de atenção a essas pessoas. Com isso, alguns sinais de reconhecimento foram implementados como, mudança no rendimento escolar; no grupo de amizades; mudança constante de humor; aparecimento de cortes, queimaduras, machucados; uso de roupas de manga longa, mesmo no calor; ter em posse materiais cortantes, e a partir da observação de algum desses se torna necessário a identificação da ocorrência da autolesão e então tentar sanar, ou até mesmo prevenir (DSM, 2013)³.

É notória a escassez de artigos científicos com enfoque no entendimento da especificidade causal da autolesão, além de não haver um consenso claro quanto à correlação direta com o COVID-19. Com isso, é de suma importância o desenvolvimento de novos estudos abrangendo esse período, pensando principalmente na prevenção e tratamento personalizado de acordo com a necessidade do público e com enfoque na resolução da causa primária e não nos sinais e sintomas.

Posto isso, o presente artigo tem o objetivo de analisar o perfil epidemiológico de lesões autoprovocadas no estado de São Paulo, em mulheres. Por não se entender de forma específica a etiologia da autolesão, principalmente nesse período de COVID-19, não se pode prevenir ou remediar novos casos. Segundo Paulo Saldiva, médico, nascido em 1954, “quanto maior a cidade maior o risco de doença mental”, dessa forma a cidade de São Paulo, conhecida como “a cidade que não para”, é o local de interesse justamente por essa grande movimentação econômica e social.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo epidemiológico, ecológico, retrospectivo, observacional e de abordagem quantitativa, a fim de se analisar o perfil epidemiológico de lesões autoprovocadas, no período de 2018 a 2022 no estado de São Paulo/SP. Com dados extraídos da plataforma do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS Tabnet), nas subseções do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), em um único momento com posterior associação com a revisão da literatura.

Para a coleta e tabulação de dados, foi utilizado o Software Microsoft Excel® 2019, de acordo com as variáveis estudadas (raça/etnia, escolaridade, faixa etária de 20 a 59 anos e lesão autoprovocada pelo critério “própria pessoa”). A fim de realizar os cálculos de natureza epidemiológica, avaliaram-se esses dados por meio de análises de frequência relativa simples, a partir de cálculos percentuais.

Após coleta de dados, houve análise de revisão de literatura utilizando os descritores “mulheres”, “lesão autoprovocada” e “São Paulo” nas bases de dados PubMed, Lilacs e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Foi incluído o período de 2018 a 2023, nos idiomas português, inglês e espanhol, pesquisados durante os meses de setembro e outubro de

2023. Os artigos excluídos foram aqueles que não apresentavam relação com o tema, e que não estavam no período pesquisado.

É válido ressaltar que, o presente estudo, baseou-se em dados públicos e anônimos, da plataforma DATASUS do Ministério da Saúde, assim, não sendo necessário haver aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa conforme a Resolução nº 510 do Conselho Nacional de Saúde, do qual isenta pesquisas das quais faça uso de informações de domínio público.

3 RESULTADOS

Tendo em vista os anos de 2017-2022, a avaliação epidemiológica da ocorrência de autolesões em mulheres, na faixa etária de 20 a 59 anos, mostra um total de 359.322 casos. O maior número de eventos ocorreu no ano de 2022 com 82.480 (22,95%). Nesse mesmo ano, a faixa etária com maior valor absoluto foi dos 20-29 com 32.487 (9,04%), seguido dos 30-39 com 25.110 (6,99%), 40-49 com 17.244 (4,78%) e 50-59 com 7.639 (2,16%). Em segundo

lugar está 2021, com 69.943 casos (19,46%), e em terceiro 2019, com 59.769 casos (16,63%). No tangente à faixa etária, a população mais jovem, dos 20-29 anos, corresponde a 39,50% do total (n = 141.918), enquanto dos 30-39 anos os registros caem para 112.025 ocorrências, correspondendo a 31,18%. Por fim, constatou-se 71.634 casos (19,93%) no grupo dos 40-49 e 33.745 casos (9,39%) dos 50-59 anos.

Outrossim, foram avaliados o número de casos por raça e cor, levando em consideração a raça branca, preta, amarela, parda, indígena e os casos com raça/cor ignorados. Na raça branca foi obtido a maior quantidade de eventos, totalizando 181.440 (50,46%). Entre as demais raças constata-se: 116.906 casos entre a população parda (32,54%), 31.609 casos entre a raça preta (8,80%), e 26.354 casos referentes às pessoas com sua raça ignorada, correspondendo a 7,33%. Entre o menor número de ocorrências estão a amarela e a indígena, com 2.161 e 852 casos respectivamente. Com relação ao sexo, houve um predomínio no sexo feminino com 73,08% (n = 262.607), o sexo masculino obteve

26,85% (n = 96.498), e 217 pessoas não foram classificadas quanto ao sexo, tendo sido, portanto, ignorado.

Sob outra óptica, no quesito escolaridade, em grande parte das ocorrências não se registrou o nível de escolaridade (n = 126.561) correspondendo a 35,22% das agressões. Dentre os casos em que se registrou a escolaridade, o grupo que apresentou maior destaque foi a população com ensino médio completo com 26,25% (n = 94.341). Os demais grupos apresentaram números bem menores de casos. Seguindo da população com ensino médio completa estão: as pessoas com ensino médio incompleto com 8,85% (n = 31.821), 5ª a 8ª série incompleta 8,03% (n = 28.847), ensino fundamental completo 6,58% (n = 23.645) e educação superior completa 5,09% (18.282). Em última constatação, 15.093 casos (4,20%) foram registrados em pessoas com educação superior incompleta, 10.739 ocorrências (2,99%) tinham o 1º a 4º série do ensino fundamental incompletos e 8.173 mulheres e homens terminaram a 4ª série do ensino fundamental (2,27%). Na população analfabeta detectou-se um total de 1.501 casos (0,42%), além disso, em 319 pessoas (0,09%) o quesito escolaridade não se aplicava.

4 DISCUSSÃO

Este estudo revela uma variação significativa no número de casos de autolesão em mulheres. Quando se analisam os indicadores sociais, observa-se uma predominância dessa prática em mulheres que se encontram na faixa etária economicamente ativa, frequentemente no auge de suas carreiras, compreendendo entre 20 e 49 anos, e ainda com pico no ápice reprodutivo (20-30 anos). Destaca-se também a disparidade observada no âmbito racial, evidenciando uma prevalência de casos acima de 50% entre mulheres brancas. No que se refere à escolaridade, a falta de informações comprometeu a maioria dos dados analisados, no entanto, dentre as respostas obtidas, as mulheres com ensino médio completo lideram as estatísticas de autolesão. Ponderando o quesito sexo, as mulheres se sobrepõem aos homens em uma proporção de 2,7:1, em uma população de 359.075 pessoas.

Ao revisar as ocorrências de autolesão ao longo dos anos, percebe-se um aumento do número de casos nos anos de 2021 e 2022 em relação aos anos anteriores. Alguns fatores correlacionados a esse aumento podem incluir a pandemia de COVID-19. No entanto, ao observar o panorama geral da pandemia, nota-se um aumento expressivo no início de 2021, seguido por uma regressão devido à implementação de medidas sanitárias e à distribuição de vacinas para diversas populações.

Sob essa óptica, no início da pandemia de COVID-19, em 2020, observou-se uma redução considerável de casos de autolesão em relação a 2019. No entanto, ao comparar esses dados com os resultados de estudos anteriores, especialmente o de (ALMEIDA; SILVA; SANTOS; et al., 2021)⁴, que correlacionou diretamente a autolesão com a pandemia, surge uma controvérsia. O artigo destacou um

aumento da incidência de autolesão nesse período, o que não parece ser corroborado pelos dados analisados neste estudo, uma vez em que se constatou um aumento inicial do número de casos seguido por um declínio nos anos subsequentes.

Outrossim, durante a pandemia do COVID-19, o impacto na saúde mental foi evidente devido ao isolamento social, à privação de atividades em grupos, à perda de entes queridos, entre outros fatores (FARO, BAHIANO, NAKANO ET AL., 2020)⁵. Alguns estudos indicam que o simples ato de realizar o teste para COVID-19 aumentou o risco de autolesão na população em geral, devido ao aumento da ansiedade e do medo do resultado (KIN; JEONG; PARK et al., 2023)⁶. Embora esses pontos sejam pertinentes e consistentes, esta análise de dados não permite uma confirmação direta, devido à falta de informações específicas sobre o isolamento social e outros fatores vivenciados durante a pandemia.

No entanto, é possível inferir que há uma relação com as consequências da pandemia. Nesse sentido, o aumento da autolesão parece estar correlacionado ao aumento das dificuldades de socialização à medida que a pandemia progredia e à posterior redução da prevalência do COVID. Isso se deve, em parte, ao isolamento prolongado e à dificuldade em lidar com perdas econômicas significativas e a perda de amigos e entes queridos⁷. É relevante notar que o mundo estava passando por um grande processo de luto, de acordo com o conceito psicanalítico de luto de Freud.

Em última análise, devido à natureza transversal deste estudo, não podemos afirmar uma associação direta entre o COVID-19 e o aumento dos casos de autolesão observados⁸. São necessários estudos mais aprofundados e metodologias alternativas para investigar essa possível relação. Além disso, é importante reconhecer possíveis limitações, uma vez que a coleta de dados foi realizada em uma plataforma eletrônica, o DATASUS, o que pode ter resultado em subnotificação, especialmente durante um período atípico e de restrições significativas.

REFERÊNCIAS

LUCENA, V. G. de; HOLANDA, I. F. S. de; BELMINO, M. C. de B. A dor que corta a pele e rasga a alma: o significado da autolesão em estudantes do ensino médio. *Braz. J. Develop.*, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.XXX>. Acesso em: 22 jul. 2020.

SILVA, P. N. L. B. C. de O. V. R. Comportamento autolesivo. Campo Grande, MS: Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul – SED/MS, 2019. Manual Rede de Atendimento – Orientação para as Escolas Estaduais de Mato Grosso do Sul. [Recurso eletrônico]. 2. ed. 20 p.

CRIPPA, José Alexandre de Souza (Coord.). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed Editora LTDA, 2023.

ALMEIDA, R. S. et al. Reflexões sobre a pandemia da COVID-19 e os seus impactos para as práticas de automutilação. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 3, p. 22456-22472, 2021.

FARO, A. et al. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 37, e200074, 2020.

KIM, In Hong; JEONG, Yeo Won; PARK, Hyun Kyeong. Korean university students' problematic alcohol use, depression, and non-suicidal self-injury during COVID-19 lockdown. *Chronic Stress*, v. 5, p. 247054702110530, 2021.

O'MALLEY, A. J.; MCINTYRE, Anthony P.; MCGILLOWAY, A. et al. The impact of the COVID-19 pandemic on presentations of self-harm over an 18-month period to a tertiary hospital. *Irish Journal of Psychological Medicine*, p. 1-6, 2023.

BAHL, Aanchal; DE, Henriette; LAM, Christina et al. The lipstick effect during COVID-19 lockdown. *Clinics in Dermatology*, v. 40, n. 3, p. 299-302, 2022.

Figura 1



Figura 2



Figura 3

